

Erasmão da Silva Ferreira*

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DIALÓGICA PARA OS ESTUDOS DA LÍNGUA(GEM)

*Doutor e Mestre em Linguística (PPGL/UFPE). Professor Adjunto de Linguística e Práticas de Ensino - Departamento de Letras (UPE). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso - GEPAD/UPE/CNPq.

Resumo

Este artigo tem como objetivo norteador refletir acerca da natureza dialógica da linguagem, postulada por Mikhail Bakhtin (1993) e o *Círculo*. Nessa direção, entendemos que o dialogismo é um fenômeno muito relevante e imprescindível para a compreensão da obra bakhtiniana e seus respectivos desdobramentos contemporâneos. Portanto, no decorrer desse trabalho discutimos o conceito de dialogismo a partir de uma revisão da literatura especializada, buscando problematizar sua relevância no âmago da Teoria Dialógica da Linguagem, bem como a sua contribuição para o estudo da linguagem de modo geral. Para tanto, dialogamos com a obra clássica de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov (2002), Bakhtin (1993) e Pável Nikoláievitch Medviédev (2012), além de fazermos uma interlocução com outras autoridades no campo (BRAIT, 1997, 2001; CLARK; HOLQUIST, 2004; FARACO, 2001; PONZIO, 2008).

Recebido em: 22/08/2025

Aceito em: 21/11/2025

Revista Escrita.
Rio de Janeiro,
n. 31, 2026.
ISSN: 1679-6888

Palavras-chave

Dialogismo; Polifonia; Análise Dialógica do Discurso.

Palavras iniciais

Mikhail Bakhtin (1895-1975) trouxe uma grande contribuição aos estudos da linguagem, bem como no campo de atuação da filosofia e da literatura através de pesquisas nas chamadas Ciências Humanas. A partir do que precede, podemos levantar a seguinte indagação: o que podemos considerar como centralizador nas reflexões postuladas a partir do arcabouço teórico-epistemológico de vertente bakhtiniana? Certamente, a resposta que alude a esse questionamento pode ser encontrada no dialogismo bakhtiniano,

uma vez que “de minha parte, em todas as coisas, ouço as vozes e sua relação dialógica” (BAKHTIN, 2003, p. 413). Diante disso, Bakhtin (1993, 1997), no campo da filosofia, da linguagem, da Linguística e da criação literária inaugura um princípio inovador: o dialogismo. Nessa perspectiva, para o pensador, o dialogismo é subjacente a toda constituição languageira e representa um mecanismo processualmente social, histórico e valorativamente axiológico.

Dado o exposto, este trabalho propõe uma reflexão teórico-epistemológica, através de análise vertical de *corpus*, constituída por obras clássicas produzidas no âmbito do pensamento bakhtiniano que mapeiam as contribuições da Teoria Dialógica para os estudos da linguagem, considerando, principalmente, o debate de grande envergadura intelectual proposto por Bakhtin e, conseqüentemente, que se segue a partir da análise das obras fundadoras de Beth Brait (1997, 2001), Katerina Clark e Michael Holquist (2004), Carlos Alberto Faraco (2001), Pável Nikoláievitch Medviédev (2012), Augusto Ponzio (2008) e Valentin Volóchinov (2002).

Para nortear a nossa reflexão, o trabalho está organizado, metodologicamente, da seguinte forma: na seção que se segue, problematizamos o embate bakhtiniano no campo da Linguística para delinear o campo de atuação do pensador russo; na sequência, por seu turno, propõe-se uma incursão acerca da noção de dialogismo, uma vez que consideramos tal pressuposto como ponto axial para o desenvolvimento da Teoria Dialógica, bem como a sua contribuição peremptória às Teorias do Discurso contemporâneas; depois disso, articula-se a noção de dialogismo com a dimensão de polifonia e de voz para marcar as especificidades de cada concepção teórica; por fim, caracterizamos o campo de instauração e de aplicação da Análise Dialógica do Discurso (ADD).

Bakhtin e o embate com a Linguística

“A palavra é fenômeno ideológico por excelência.”

(Volóchinov, 2002, p. 274)

As contribuições do que se convencionou chamar “O Círculo”¹ de Bakhtin para os Estudos da Linguagem são, inegavelmente, imprescindíveis para compreendermos as vicissitudes históricas e o relevante deslocamento de terreno que a Linguística, enquanto ciência piloto das chamadas ciências humanas, sofreu da década de vinte à contemporaneidade. É inegável, assim, que Bakhtin (1993, 1997, 2003, 2010) foi um pensador de grande relevância intelectual porque ele “[...] se move em um terreno muito mais amplo que aquele que institucionalmente se delimita como história da literatura ou da arte em geral” (PONZIO, 2008, p. 202).

¹ Referimos O Círculo porque ele compreende um grupo de intelectuais ligados por uma reflexão teórica, metodológica, filosófica e epistemológica que se reunia regularmente entre 1919 e 1920 em torno de Bakhtin. O chamado Círculo de Bakhtin, dessa forma, alude aos trabalhos principalmente de Bocharov, Medviédev, Jakubinskij e Volóchinov.

Indubitavelmente, o movimento intelectual instaurado por Bakhtin, no contexto russo, bem como os seus respectivos desdobramentos no campo de atuação da Linguística pelo mundo a fora, permitiu, consideravelmente, e de maneira fundadora, uma abertura de reflexões contundentes no âmago da própria Linguística que até então eram desconhecidas. Nesse sentido, Faraco, uma das maiores autoridades no assunto, assim delineia a forte influência de Bakhtin na Linguística:

Na minha participação, procurei problematizar a inclusão de Bakhtin na categoria de precursor, entendida essa designação no sentido estrito do pensador que disse antes e que serviu de ponto de partida para elaborações posteriores, tendo sido nelas suficientemente diluído e transmutado que só lhe resta o chamado valor histórico [...]. Ora, estamos longe de uma situação como essa, quando se trata de discutir o lugar de Bakhtin no conjunto dos estudos do discurso. É óbvio que ele disse antes muitas das coisas que se veio a dizer depois. Ocorre, porém, que os pósteros, quando começaram a dizer, desconheciam aquele já-dito, de forma que não partiram diretamente dele [...]. Parece claro que a relação que se estabelece com Bakhtin nesse processo de reordenação de uma concepção teórica de discurso é antes de interlocução produtiva do que de precursoridade. (FARACO, 2001, p. 28-29)

A partir de então, a interlocução com as concepções bakhtinianas, em várias vertentes teóricas, de diversas ordens e em vários níveis na Linguística contemporânea passou a ser inevitável. A influência bakhtiniana alude, por exemplo, ao princípio da interação social e, sobretudo, ao fenômeno do dialogismo, que perpassa diferentes áreas do conhecimento. Nessa perspectiva, a Teoria Dialógica traz para os estudos teóricos da linguagem, para a vida e para a arte uma concepção que irá opor-se a uma forte corrente teórica que estava em vigor na época, e que era, por assim dizer, a apoteose e o cenário das grandes reflexões linguísticas: o Estruturalismo saussuriano.

O Estruturalismo na Linguística, por sua vez, defendia uma tese imanentista da língua, vendo-a como sistêmica, imutável e homogeneizante, o que Volóchinov (2002) determina, em tom de crítica, de “objetivismo abstrato”. No contrafluxo dessa postulação, Bakhtin (1993) propõe justamente a dimensão dialógica, heterogênea e ideológica da linguagem, contrapondo-se, assim, à tese saussuriana. Nas palavras que se seguem, Volóchinov defende, com propriedade, a natureza ideológica da linguagem:

A palavra é fenômeno ideológico por excelência. [...] Em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a

luta de classes. [...] A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como produto da interação viva das forças sociais. [...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (VOLÓCHINOV, 2002, p. 36)

Conforme observamos, o elemento linguístico, como bem reza Volóchinov (2002), é ideológico em todas as suas faces e possíveis realizações. Para ele, não existe palavra neutra, inocente e sem valor ideológico, uma vez que a materialidade linguística é afetada, atravessada e resulta da situação e dos elementos extralinguísticos que constituem a própria natureza da língua e, portanto, historicizam o seu modo dizer. Torna-se necessário, dessa maneira, percebermos que a língua apresenta um caráter essencialmente social e histórico que perpassa todo o processo concreto e vivo da interação verbal, e que sempre reflete e refrata valores axiológicos (o vínculo valorativo) ideologicamente constitutivo. Por isso, “Bakhtin trata os valores não como uma axiologia abstrata, porém como um labor prático de construção. Enformando respostas na constante atividade de nosso diálogo com o mundo, determinamos a arquetônica de nossa própria responsabilidade” (CLARK; HOLQUIST, 2004, p. 37).

Neste ponto, reconhecemos a diferença entre a concepção bakhtiniana de interação social e a proposta da comunicação instaurada pela corrente estruturalista. Em última instância, podemos compreender a contribuição bakhtiniana à medida que o autor condicionou substancialmente a (re)configuração das noções linguísticas que se tinham até então.

Para o pensador russo, em suma, a relação entre o signo e o ideológico é constante e ininterrupta ou, dito de outra forma, a língua é ideológica porque é heterogênea, dialógica e atravessada por um “eu” que é social, histórico e, por conseguinte, inconcebível fora das relações que o ligam com o outro. Dito de outra forma, o “eu” enunciativo só pode se constituir realmente enquanto um “eu” concreto e valorativo na relação que o liga com o outro para que o “eu” possa, enfim, constituir-se enquanto um ser socialmente histórico, político e ideológico.

Dialogismo: uma contribuição às Teorias do Discurso

Após uma breve reflexão acerca da contribuição do pensamento bakhtiniano que influenciou a maioria das correntes linguísticas de base funcionalista, abordaremos agora o princípio que, em nosso olhar, consiste em ser, ao mesmo tempo, o coração da teoria dialógica da linguagem e as células-tronco para a constituição das teorias discursivo-enunciativas: o dialogismo.

Portanto, pretendemos, de maneira sucinta, observar esse permanente diálogo com os estudos dialógicos, ou seja, o surgimento de perspectivas teóricas que se instauraram e são caudatárias do dialogismo bakhtiniano, principalmente porque defendemos a tese de que Bakhtin (1993, 1997, 2003) contribuiu de forma relevante com o desenvolvimento dos postulados teórico-metodológicos das Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação. Dessa forma, para o autor, todo texto é duplamente dialógico: primeiramente, porque apresenta uma relação dialógica entre os interlocutores; e, em segundo lugar, porque todo texto mantém uma íntima e latente relação dialógica com outros textos. Daí o princípio fundador da heterogeneidade enunciativo-discursiva.

Conforme podemos observar, no cerne dessas reflexões, o dialogismo proposto por Bakhtin (1993, 1997) é utilizado de forma significativa em várias pesquisas no campo da Linguística. Evidentemente, quer seja por meio de uma relação de aliança (diálogos), quer seja por meio de numa relação de duelo (embates), o fato é que, muitas vezes, o termo tem sido “banalizado” em pesquisas que insistem em sustentar uma relação meramente sinonímica entre o dialogismo e noções que surgiram, *a posteriori*, como, por exemplo, a intertextualidade, a interdiscursividade e até mesmo a dialética. Certamente, compreendemos uma certa orientação bakhtiniana nessas diversas concepções, ainda que não absolutas. Por essa razão, invocamos em nosso auxílio Brait (1997), que corrobora pertinentemente o fenômeno dialógico instaurado por Bakhtin:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem. (BRAIT, 1997, p. 98)

Nessa perspectiva, Brait (1997) enfatiza o ponto centralizador que Bakhtin (1993) inaugura, ou seja, o dialogismo como uma condição subjacente para que a linguagem, o discurso e o homem façam sentido e signifiquem num simpósio histórico, social, ideológico e

universal; ou, dito de outra forma, toda a constituição linguageira representa, para Bakhtin (1993), um mecanismo processualmente dialógico e axiológico.

Assim sendo, as questões sinalizadas por Brait (1997) também nos aproximam da reflexão veiculada por Clark e Holquist (2004), quando asseveram com propriedade que:

O dialogismo de Bakhtin é essencialmente uma filosofia da linguagem. É uma 'translinguística', que constitui uma óptica mestra para perceber todas as categorias radicadas na linguagem, e Bakhtin pressupõe que todos os aspectos da vida humana estão assim enraizados (CLARK; HOLQUIST, 2004, p. 233).

Com efeito, as ideias de Bakhtin (1993, 1997, 2003), bem como Volóchinov (2002), instauram uma reflexão acerca da linguagem que elege a enunciação como um evento vivo (fruto da experiência vivida do homem), sempre renovada, irrepetível e que se institui na interação verbal, na orquestração de diferentes vozes sociais que se relacionam por meio da plenivalência e da equipolência. Nesse sentido, é preciso enfatizar também que as vozes socialmente constituídas, na perspectiva bakhtiniana, podem estar em relação de aliança ou de tensão no diálogo. Por essa razão, as vozes sociais, que se manifestam discursivamente, são ordenadas axiologicamente e valorativamente, além de estarem associadas às esferas sociais da atividade humana; dessa maneira, imprimem sempre o caráter emocional e volitivo nos processos de constituição da interação verbal.

Dito isso, o princípio do dialogismo, assim, subjaz a todos os pressupostos teóricos que sustentam o pensamento bakhtiniano e se opõe radicalmente à dimensão essencialmente monológica da linguagem. Dessa maneira, no empreendimento dialógico da linguagem, o fluxo da interação verbal deve ser compreendido como uma relação de alteridade que constitui a identidade do próprio sujeito e que, por sua vez, estabelece-se na relação de um *continuum* do "eu para mim", do "eu para o outro" e do "outro para mim" (BAKHTIN, 2010). Nesse sentido, a constituição do "eu" perpassa sempre o reconhecimento do outro, ou seja, o fenômeno da alteridade de forma constitutiva. É, pois, participando ativamente da prática social, nas interações sociais com o outro, em relação de dialogicidade, que nos constituímos sujeitos de linguagem e assujeitados a ela ao mesmo tempo.

Outro pressuposto teórico relevante que ainda alude ao dialogismo é a questão da "compreensão". Nessa perspectiva, a compreensão, concebida como uma forma de diálogo (aqui não reduzido à interação face a face), é tanto um processo/atitude ativo(a)

quanto responsivo(a). Por essa razão, o diálogo não é entendido meramente no sentido óbvio de conversação entre duas pessoas, uma vez que “tal ocorrência corriqueira proporciona uma abertura para alcances ulteriores da possibilidade dialógica” (CLARK; HOLQUIST, 2004, p. 36). Logo, essa dimensão bakhtiniana nos leva a entender que toda palavra dialogizada (dialógica) é revestida por um acento apreciativo ou valorativamente instituída no funcionamento do fenômeno da interação verbal entre os sujeitos inseridos na esfera social.

Todo acento apreciativo, por sua vez, é direcionado por meio de uma entonação expressiva (viva e vivida) que integra igualmente o sentido que se inscreve na natureza da própria linguagem por meio de forças ideológicas. A compreensão/comunicação responsiva ativa pressupõe, assim, o fenômeno dialógico como ponto central na teoria bakhtiniana porque toda rede dialógica “comporta uma tomada de posição, uma atitude responsiva” (PONZIO, 2008, p. 90) por parte dos sujeitos envolvidos no processo de interação verbal. Assim procedendo, todo enunciado é sempre uma resposta (um ato responsivo) a um enunciado anterior a ele mesmo no jogo discursivo-dialógico.

Dessa forma, a construção dialógica pressupõe um movimento constante de interação social partilhada, fruto da experiência humana, podendo compor-se de signos e símbolos multissemióticos (implícitos e/ou explícitos), gestos, o excedente de visão, a exotopia, a cronotopia, movimentos corporais, olhares, cores, sons, entonação etc. Após essa discussão, na seção que se segue, trabalharemos com a relação emblemática entre o dialogismo e a polifonia.

Da Língua ao Discurso: dialogismo, polifonia e voz

A teoria bakhtiniana apresenta e evidencia uma de suas teses mais caras na obra fundadora *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Volóchinov (2002): se o signo (língua) é ideológico por excelência e a língua (signo) constitui o discurso que, por sua vez, materializa em sua superfície os mecanismos ideológicos, então, o discurso (língua-signo) é, em última instância, social, histórico, heterogêneo, dialógico, ideológico, polissêmico, polifônico e, conseqüentemente, mutável por excelência. Assim, a língua se instaura como fenômeno social de interação verbal.

Dito de outra forma, o axioma que afirma que a língua é sócio-histórica, concreta e heterogênea é caudatário do estudo dialógico da linguagem postulado por Volóchinov (2002) e, conseqüentemente, peremptório na constituição das teorias do discurso. Tudo isso está marcado por meio do funcionamento do

discurso e, conseqüentemente, no tecer dialógico da linguagem por meio das práticas languageiras socialmente instauradas.

No que concerne especificamente à natureza constitutiva do discurso, Bakhtin, em *Gêneros do Discurso* (2003), proclama que não existe discurso individual justamente porque o princípio do dialogismo está sob a égide de que o discurso é concebido pelo menos por dois indivíduos inseridos numa situação real de interação social e, além do mais, todo discurso sempre dialoga, reflete e refrata os discursos de outrem. Por essa razão, todo discurso é “preche de resposta” (BAKHTIN, 2003, p. 270).

Com efeito, todo discurso não surge do nada nem é proferido gratuitamente, mas segue uma rota histórica que o direciona ideologicamente em resposta a alguém ou a outros discursos numa relação constitutiva. Além do mais, o discurso exerce uma força e uma ação transformadora que impõe a sua verdade ideológica e não volta ao enunciador sem ter causado, por assim dizer, o efeito de sentido pretendido. Em virtude disso, “é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185).

Assim sendo, Bakhtin (1993) sustenta que a língua enquanto condição do discurso é constitutivamente dialógica e complexa porque é historicamente instaurada nas múltiplas relações dialógicas entre os sujeitos e, conseqüentemente, nos fios dialógicos e ideológicos que tecem todos os discursos. Por essa razão, é relevante, para Bakhtin (1993), o caráter bivocal ou o plurivocalismo dos discursos.

Tal afirmação nos faz compreender que toda a natureza discursiva é, ao mesmo tempo, histórica e social, uma vez que é nela que se inscreve a língua(gem), a partir de uma perspectiva essencialmente dialógica e, outrossim, permite-nos afirmar que quase não existe discurso homogêneo. Bakhtin (2003, p. 313) fornece, sobre este ponto, precisões relevantes:

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra minha, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade (BAKHTIN, 2003, p. 313).

A tese defendida por Bakhtin (2003) faz-nos reconhecer a pluralidade de vozes ideológicas como um fator constitutivo de todo e qualquer discurso, ou seja, sempre sob as nossas palavras (discursos) outras palavras são ditas (e outras silenciadas) e, conseqüentemente, todo discurso está subordinado a um ou vários discursos já-ditos, previamente constituídos historicamente.

Portanto, todo discurso configura-se por meio de uma cadeia dialógica muito complexa de outros enunciados, semelhante a uma “colcha de retalho”, um mosaico, organizado de forma coesa e coerente numa conjuntura ideológica e sócio-historicamente dada, que absorve e transforma o discurso (o outrem). Sendo assim, em última instância, o eixo principal de todo o pensamento bakhtiniano caracteriza-se pela interação verbal e seu caráter essencialmente dialógico e polifônico. Vejamos, então, como se instaura a dimensão da polifonia.

A noção de polifonia, por sua vez, também é muito cara aos estudos linguísticos e literários contemporâneos. Por isso, convém elucidar aqui a distinção entre o dialogismo e a polifonia, concepções abordadas por alguns teóricos geralmente como termos sinônimos.

Essa concepção teórica é forjada por Bakhtin (1997) na análise da obra literária de Dostoiévski para marcar no discurso a relação entre o autor/herói. Consoante já se disse, na teorização bakhtiniana, o dialogismo é o princípio constitutivo de toda e qualquer forma de expressão da linguagem, incluída aí a prática discursiva socialmente sustentada.

Por outro lado, a polifonia, para o intelectual russo, caracteriza certa modalidade/estratégia textual-discursiva, na qual percebemos a presença do dialogismo e ouvimos (percebemos) as várias vozes sociais que falam, em oposição aos textos monofônicos que “mascaram” os discursos que os constituem. Por essa razão, “a polifonia não é um atributo de todos os romances; Dostoiévski foi o primeiro escritor polifônico e, embora existam presumivelmente outros, o fenômeno ainda é relativamente raro” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 248) no campo da criação artístico-literária.

Assim sendo, o dialogismo é, a rigor, um fenômeno anterior à polifonia, isto é, o fundamento polifônico é antes desenhado arquitetonicamente pelo caráter dialógico da linguagem, que, por sua vez, é o produtor e a zona constitutiva de sentidos do discurso. A dialogia é, em suma, responsável por constituir todas as esferas sociais da atividade humana por meio da linguagem. Assim, todo discurso é, por essência, dialógico por excelência, todavia nem todo discurso é marcado por sua natureza polifônica.

A Análise Dialógica do Discurso (ADD)

Nesta seção, apresentamos uma visão panorâmica da corrente teórica que se instaurou por meio do pensamento bakhtiniano: Análise Dialógica do Discurso. Por isso, em detrimento dos objetivos traçados neste artigo, apresentamos como análise vertical de *corpus* o conjunto de obras de referência apresentado ao longo

do nosso percurso para direcionar a nossa reflexão analiticamente, teoricamente e epistemologicamente.

A Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD) corresponde a uma teoria do discurso que tem por base a reflexão filosófica, teórica, metodológica e epistemológica que fundamenta a teorização de Bakhtin e seu respectivo "Círculo", ou seja, os estudos concernentes ao discurso, na perspectiva bakhtiniana, perquirem a íntima relação dialógica entre os discursos.

Dito isso, consideramos que o campo de caracterização e atuação da ADD é interdisciplinar e concebe o discurso como objeto científico de análise em que a ideologia, enquanto prática social, materializa-se. Nesse contexto, diferentemente de outras perspectivas teóricas que têm como objeto analítico o discurso e as questões discursivas, a ADD instaura fundamentos epistemológicos, como, por exemplo, a noção de sujeito, de sentido, as questões de estilo, de gênero, bem como a heterogeneidade enunciativo-discursiva como princípios essencialmente dialógicos no âmbito da diversidade das materialidades linguístico-discursivas.

Nessa direção, Brait (2001) traz, ainda, essa abordagem bakhtiniana para o campo de atuação da Enunciação, numa perspectiva discursiva, por meio do viés da ADD, quando sustenta que é:

Um conjunto de procedimentos analíticos, um arcabouço teórico que, embora não formando um corpo acabado de conceitos e formas de aplicação, está articulado no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin e seu círculo, independentemente da discussão a respeito da autoria individual de cada trabalho. (BRAIT, 2001, p. 126)

Diante do que precede, Brait (2001) ainda sinaliza que hoje o que se pode entender do empreendimento teórico-metodológico e epistemológico da ADD tem seus princípios norteadores na conjuntura das reflexões de Bakhtin (1993, 1997), focando em questões que estão intimamente associadas ao dialogismo, à interação verbal, à historicidade, bem como à noção de estilo e à teorização acerca da diversidade e da complexidade do movimento dialógico dos gêneros do discurso.

Destarte, a abordagem teórica e analítica da ADD está intrinsecamente associada à perspectiva dialógica postulada por Bakhtin (1997). Diante disso, para esse dispositivo teórico-metodológico, todo discurso é constituído por meio das relações sociais e históricas que atravessam os sujeitos e, por isso, as relações dialógicas existentes entre os discursos são amplas, complexas e heterogêneas.

Desse modo, o discurso deve ser concebido em sua natureza metalinguística, epilinguística e translinguística que se institui no

jogo de relações entre as forças centrípetas e centrífugas, tal como propostas pelo pensador russo. Nesse sentido, o discurso é parte estruturante da metalinguística, que, diferentemente da Linguística imanente, considera o discurso como parte da realidade viva e concreta da língua(gem).

Nessa direção, Bakhtin (1997) define com propriedade o discurso quando sustenta que:

[...] o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins [...] não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendendo-a como um estudo – ainda não-constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. (BAKHTIN, 1997, p. 212)

Dado o exposto, na teoria bakhtiniana, não se reduz o discurso à língua imanentista. Entretanto, as relações dialógicas também comportam a língua como fenômeno concreto e integral, em especial no que tange aos efeitos de sentido que se instauram na comunicação dialógica entre os sujeitos inseridos nas diferentes e heteróclitas práticas discursivas.

No bojo dessas reflexões, a ADD, palmilhando os ditames bakhtinianos, concebe a dimensão dialógica também como fenômeno axiológico, bem como princípio fundador da linguagem enquanto condição que subjaz aos sentidos que operam e circulam nos discursos. O objetivo centralizador que norteia a tarefa do analista do discurso, nessa vertente teórica, portanto, é apreender as diferentes maneiras e os mecanismos de funcionamento dialógico nos discursos, ouvir as diversas vozes sociais que ali se inscrevem e perceber, por meio de diferentes gestos de leitura e de interpretação, os efeitos de sentido materializados na diversidade discursiva, bem como nas relações interdiscursivas e enunciativas.

Assim procedendo, para analisarmos o discurso na perspectiva dialógica bakhtiniana, torna-se imprescindível concebê-lo na íntima relação que ele mantém com o discurso de outrem enquanto um fenômeno da interação social. A incumbência do analista do discurs-

so é, por assim dizer, orquestrar as diversas vozes que operam nos discursos historicamente, socialmente e ideologicamente situados na arena viva da interação verbal.

Em última análise, reconhecemos no inventário teórico da ADD o caráter constitutivamente dialógico da linguagem e, consequentemente, as ressonâncias dialógicas que sempre aludem à presença constante dos discursos de outrem.

Palavras finais

Este artigo buscou (re)pensar a natureza dialógica da linguagem (dialogismo) instaurada por Bakhtin (1993, 1997, 2003, 2010), bem como problematizar o fenômeno associado a outras questões teóricas inauguradas pelo filósofo russo, como, por exemplo, a polifonia, a compreensão ativa/responsiva e a gênese da Análise Dialógica do Discurso.

Compreendemos, assim, que o dialogismo representa um conceito-chave na obra bakhtiniana e fundamenta os diferentes campos de estudos da linguagem contemporaneamente. Ademais, defendemos que a natureza dialógica define as relações languageiras concretas e as práticas discursivas de todas as esferas da atividade humana por meio da dimensão da linguagem.

Abordamos neste trabalho, ainda, o que julgamos ser fundamental inicialmente nas discussões instauradas pela Teoria Dialógica da Linguagem e a constituição de seu aparato teórico-metodológico. Portanto, a presente reflexão proporcionou uma abertura de questões relevantes no âmago da perspectiva teórica instaurada por Bakhtin, principalmente no que concerne aos estudos da Teoria da Enunciação, dos Gêneros Discursivos, do Texto, do Discurso, bem como da Teoria da Literatura.

Finalmente, partindo da premissa de que tudo o que discutimos corresponde à verdade, de modo que as questões que acabamos de enveredar formam, parece-nos, uma base sólida para investigações contínuas referentes ao pensamento bakhtiniano, no entanto, nem por isso pretendemos apresentar, esgotar, nem muito menos resolver, todas as querelas que podem ser instauradas por essas bases teórico-epistemológicas.

Em última instância, conforme não objetivamos instaurar um juízo de valor absoluto neste trabalho, acreditamos que nossas reflexões não se fecham e nem tampouco se encerram aqui, mas defendemos que elas podem colaborar com o desenvolvimento de pesquisas profícuas no âmbito dos estudos da linguagem, de modo geral, por meio do aporte teórico-metodológico da dialogicidade (dialogismo) instaurado por Bakhtin e seguido pelo *Círculo*.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior e Augusto Góes Júnior. São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. **Estudos enunciativos no Brasil – histórias e perspectivas**. Campinas: Pontes/FAPESP, 2001.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth. **Estudos enunciativos no Brasil – histórias e perspectivas**. Campinas: Pontes/FAPESP, 2001.
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.
- MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008.
- PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.
- VOLÓCHINOV, Valentin (BAKHTIN, Mikhail). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.

LAS CONTRIBUCIONES DE LA TEORÍA DIALÓGICA A LOS ESTUDIOS DEL LENGUAJE(GEM)

Resumen

Este artículo tiene como objetivo principal reflexionar sobre la naturaleza dialógica del lenguaje, postulada por Mikhail Bakhtin (1993) y el *Círculo*. En este sentido, entendemos que el dialogismo es un fenómeno fundamental para la comprensión de la obra bakhtiniana y sus respectivos desarrollos contemporáneos. Por lo tanto, en este trabajo, analizamos el concepto de dialogismo a partir de una revisión de la literatura especializada, buscando problematizar su relevancia en el núcleo de la Teoría Dialógica del Lenguaje, así como su contribución al estudio del lenguaje en general. Para ello, dialogamos con la obra clásica de Mikhail Bakhtin y Valentin Volóchinov (2002), Bakhtin (1993) y Pável Nikoláievitch Medviédev (2012), además de dialogar con otras autoridades en el campo (BRAIT, 1997, 2001; CLARK; HOLQUIST, 2004; FARACO, 2001; PONZIO, 2008).

Palabras-clave

Dialogismo; Polifonía; Análisis Dialógico del Discurso.